

7 OUT 1986

Maioria na Constituinte deixa Sarney tranqüilo para sucessão

por Cecília Pires
de Brasília

A previsão de maioria absoluta para os candidatos da Aliança Democrática na Constituinte define as novas regras de um jogo em que o presidente Sarney verá aumentada de forma surpreendente sua força política. E com base nesses dados que Sarney exhibe toda a tranqüilidade diante dos resultados das urnas em novembro.

Por esses cálculos passam, ainda, as discussões que o presidente vem assistindo, também com serenidade, sobre a duração de seu mandato, o assunto preferido dos candidatos a candidatos à sua sucessão. Discreto quanto ao tema, o presidente insistiria na tese de um mandato de quatro anos, segundo as declarações de seu porta-voz, Fernando César Mesquita.

E o mesmo prazo defendido pelo presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, que já admitiu sua candidatura à Presidência na sucessão de Sarney. Além dele, o governador de Minas Gerais, Hélio Garcia, havia iniciado o debate sucessório, encabeçando a lista dos presidencializáveis. Foi seguido pelo ministro Aureliano Chaves e, ontem, conforme declarou à Agência Globo, pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard.

O ministro da Justiça acha natural o surgimento de tantos candidatos à sucessão do presidente Sarney e chama a atenção para o fato de serem, em sua maioria, integrantes do PMDB, o partido majoritário na atual composição da Aliança Democrática. Outros aspirantes ao posto,

“Teremos um forte candidato”

por Andrew Greenlees
de São Paulo

“O PMDB deverá fazer 60% dos constituintes e maioria dos governadores.” O presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães, baseia-se nessa previsão para afirmar que sairá das fileiras pemedebistas um forte candidato à sucessão do presidente José Sarney. Com a experiência de quem chegou ontem aos 70 anos, Guimarães é cauteloso ao comentar suas próprias chances de ser o escolhido, sem descartar a possibilidade em momento algum.

“Isso tem sido lembrado não é de hoje e não posso evitar manifestações como esta”, sorri o deputado, salientando que o partido deve centrar suas preocupações atuais nas eleições de novembro. Um dos estados onde a situação é inquietante para o PMDB, São Paulo, mereceu considerações otimistas de Guimarães, ao ser homenageado, ontem, pela Câmara Municipal da capi-



Ulysses Guimarães

tal. “Temos sinais de terra à vista”, avisou.

Os sinais detectados por Guimarães partem das recentes pesquisas eleitorais, onde o candidato pemedebista, Orestes Quércia, vem mostrando recuperação, apesar de ainda estar bastante distante do primeiro colocado em todas elas, o petebista Antônio Ermírio de Moraes. Gui-

marães assinalou três razões para o crescimento de Quércia: o engajamento “agora total” do partido na campanha, o horário eleitoral gratuito e o “reflexo em São Paulo da força da legenda em todo o Brasil”.

O próprio candidato ao governo atribuiu ontem ao seu crescimento nas pesquisas as acusações de venda fictícia e fraudulenta de apartamentos na cidade de Campinas ao grupo Delfin. Para Guimarães, “o candidato já respondeu e vai responder de maneira satisfatória” às acusações.

Nos escritórios dos outros candidatos o otimismo não é menor. Para os assessores de Ermírio de Moraes, o importante é que mesmo com as críticas às condições de trabalho em suas fábricas não aumentou o índice de rejeição ao candidato. Entre os estrategistas de Paulo Maluf (PDS), indica-se uma repetida migração de votos entre Quércia e Ermírio, o que não prejudicaria o candidato do PDS.

encorajados pelo debate, deverão, no entanto, engrossar a lista do PFL, como o ministro-chefe da Casa Civil, Marco Maciel, que tem confidenciado, por enquanto a amigos íntimos, sua disposição de concorrer.

Ao admitir que o lugar na fila também o interessa, Brossard defende um período de cinco anos para o mandato presidencial, um procedimento adotado na Constituinte de 1946 que, a seu ver, não deveria ter sido alterado.

“O mandato de cinco anos, em minha opinião, é o mais adequado e não deveria ter sido mudado na última reformulação da Constituição. Ao assumir, um governo com quatro anos pela frente trabalha com o orçamento da administração anterior e, no último ano, está-se despedindo, o que acaba reduzindo o mandato a apenas dois”, prega Brossard. Um período de seis anos, por outro lado, “só é bom quando o presidente é excelente”, afirma o ministro.

Ao delegar à Constituinte a tarefa de estabelecer a duração de seu próprio mandato, atualmente previsto para um período de seis anos, o presidente Sarney sabe que essas ponderações deverão ser discutidas pelas forças que vão compor maioria na Assembleia Constituinte. Por isso, o presidente encara o debate sucessório como parte do jogo democrático, contabiliza o número de cadeiras a ser ocupadas pela Aliança Democrática e dorme tranqüilo.